

O BE(I)XIGA COMO TERRITÓRIO DE DESLOCAMENTOS

Rosana M P B Schwartz*

Ingrid Hötte Ambrogi**

Resumo

O artigo traça os deslocamentos de diferentes fluxos de imigrantes e migrantes no território do Bexiga, na cidade de São Paulo, as inter-relações sócio, étnicas e culturais, na constituição passado/presente do bairro e as tensões provenientes das atrações e expulsões humanas. Sistematizou diferentes *corpus* documentais pertencentes aos acervos do Museu do Bexiga e dos Movimentos de Moradia – Fórum de Cortiços e Sem-Teto do Centro, sob as balizas teórico-metodológicas da história cultural. Problematiza a concentração de moradias precárias/cortiços e os processos de ocupações e desocupações do território pelos múltiplos sujeitos sociais que compõem o bairro e abre hipóteses de pesquisas.

Palavras chave: Bexiga, Deslocamentos Humanos, Ocupações.

* Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, líder do Grupo de Pesquisa Cnpq, História da Cultura, Sociedades e Mídias. Pesquisa Movimentos sociais, espaço urbano, cidade, e/imigrações e gênero.

** Doutora em História Social FFCHL USP, docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, líder do Grupo de Pesquisa Cnpq Arquivo, Memória e Cidade. Trabalha com história de São Paulo, arquivos fotográficos do projeto Museu de Rua, atua em grupos de pesquisa que abordam o espaço escolar como apropriação de significados culturais.

Abstract

The article traces the movements of different flows of immigrants and migrants in the territory of Bexiga, in the city of São Paulo, the social, ethnic and cultural interrelations, in the constitution of the past / present of the neighborhood and the tensions arising from human attractions and expulsions. It systematized different documental corpus belonging to the collections of the Museum of the Bexiga and the Housing Movements - Forum of Tenements and Homeless of the Center, under the theoretical and methodological markings of cultural history. It problematizes the concentration of precarious / tenement dwellings and the processes of occupations and vacancies of the territory by the multiple social subjects that make up the neighborhood and provides research hypotheses.

Key words: Bexiga, Human Movements, Occupations.

A historiografia sobre o Bairro do Bexiga consagrou o território como “lugar” de deslocamentos de migrantes e imigrantes que buscavam trabalho e moradia quando chegavam à cidade de São Paulo. Compreendido enquanto espaço essencialmente popular pelas pesquisas que abordam a sua história³, desvelou, no imaginário social da cidade, a ideia de território construído por múltiplas camadas de

³ MARZOLA, Nádía. Bela Vista, IN: História dos Bairros de São Paulo, V. 15, SMC/DPH, 1979.

ocupações, que atravessaram o tempo e o espaço, na qual convivências ocorreram de maneira própria.

A ocupação do espaço geográfico é antiga e recebeu ao longo do tempo diferentes denominações, fez parte da Sesmaria do Capão (1559), compôs parte da propriedade de diferentes chácaras, como a Samambaia (1750) a Gusmão (1773) até ser denominada em 1794 por Chácara do Bexiga. Essa última denominação possui duas versões, a primeira se justifica através do apelido dado ao proprietário da chácara, que teria sido acometido pela varíola, na época conhecida por bexiga, uma vez que se manifesta em forma de bolhas na pele; a segunda versão atribui o nome à existência de um primitivo matadouro no local, que vendia a buchada de animais abatidos, vulgarmente chamada por bexiga.

Segundo Ernani Silva Bruno⁴ ao se referir aos campos do Bexiga “abrangendo toda as terras localizadas entre a Rua da Consolação e a Rua de Santo Amaro, ainda em 1870 se caçavam veados, perdizes e até escravos fugidos” (p. 571)

A figura 1 mostra um desenho de 1819 da Chácara do Bexiga, em que algumas ruas existentes hoje já estavam traçadas como a Rua Santo Antônio, Santo Amaro (caminho de Santo Amaro) com denominação semelhante à de hoje e um caminho sem nome que se tornou a Rua 13 de maio.

⁴ BRUNO, Ernani S. *História e Tradições da Cidade de São Paulo, Vol. II Burgo dos Estudantes (1828-1872)*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1953.

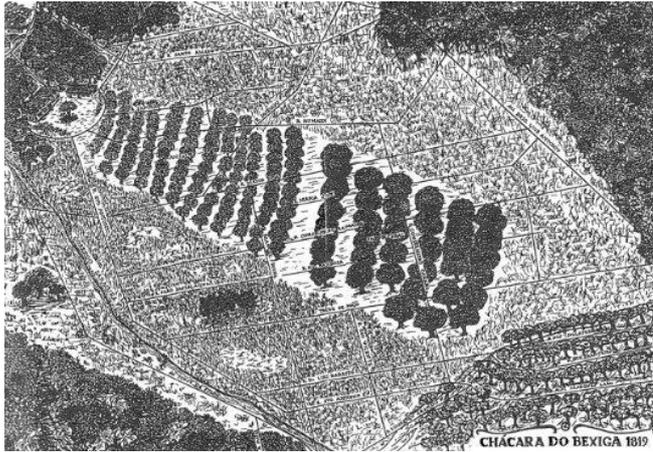


Fig. 1- Chácara do Bexiga em 1819



Fig. 2 Anúncio de jornal

O Diário da Princesa Isabel relata ter conhecido uma grande propriedade que englobava a região do Bexiga, durante visita a São Paulo em 1884, conhecida, também, por Chácara das Jabuticabeiras, como segue a nota da Princesa Isabel.

Apreciável gleba, propriedade de Mariano Antonio Vieira, português, e de sua mulher Maria Isabel Paim constituída pela Chácara do Capão (...) e terrenos comprados (...). Tinham a seguintes divisas: Rua da Consolação, transpunha o espigão da atual Avenida Paulista, então Avenida da Real Grandeza, continuando pela Avenida Rebouças (então estrada de Pinheiros) até a Rua Dona Hipolita aí dobrava tomando o rumo da Avenida Brigadeiro Luis Antonio (ao tempo Estrada de Santo Amaro), prosseguindo até a altura do morro dos Ingleses, de onde, ao longo de Córregos, tomava o rumo do aterrado da Rua Martinho Prado até encontrar o ponto de partida.⁵

Seu nome durante a ocupação por imigrantes italianos, espanhóis, portugueses, sírios libaneses não era bem visto, preferiam o nome oficial do bairro Bela Vista, essa era uma atribuição dada a visão

⁵ MOURA Carlos E. M. (org.) Vida Cotidiana em São Paulo no Século XIX, São Paulo, Editora Unesp, 1999, p. 265.

privilegiada da cidade a partir da encosta do bairro em sua parte mais alta, o morro dos ingleses, local onde existira um clube de golfe.

Em 1878, ocorreu o primeiro loteamento da região, inaugurado por D. Pedro II, imperador do Brasil. Esta ação gerou sua maior ocupação, especialmente nas áreas menos nobres, com terrenos estreitos, profundos e preços baixos, atrativos para os mais pobres, que se fixavam no bairro na parte mais baixa.

A partir da divisão do bairro em lotes com preços baixos, anunciada em jornais populares, (Fig. 2) os imigrantes obtinham informações sobre a região e adquiriam seus lotes. As áreas alagadiças eram ocupadas pelos mais pobres, em grande parte, pessoas escravizadas de forros.

O processo de urbanização de São Paulo vinculado à expansão cafeeira, à subvenção da imigração e à implementação de um sistema ferroviário que deveria interligar São Paulo, o Porto de Santos e as principais zonas produtoras condicionaram uma política de loteamentos dos territórios da cidade que levaria as camadas populares (constituídas majoritariamente por trabalhadores imigrantes e ex-escravizados) a viverem em habitações coletivas, construídas a partir de adaptações de casarões deteriorados, em geral com instalações sanitárias de uso comum, pouca ventilação e congestionamento de cômodos.⁶ Essas habitações foram denominadas de cortiços.

⁶ BONDUKI, Nabil. *As origens da habitação social no Brasil (1930-1954): o caso de São Paulo*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), São Paulo, FAU/USP, 1994. p.25.

A partir da década de 1920, para as regiões desvalorizadas se deslocaram diversos imigrantes e migrantes empobrecidos. Nesses locais montaram suas oficinas, fizeram suas casas, criaram um modo de viver com festas e tradições múltiplas que se hibridizaram se miscigenaram e se expressaram por meio do negro falando com as mãos, trejeito dos italianos, ou estes fazendo uma batucada. A presença das tradições da culinária italiana e da africana, é passado preservado e reinventado. As memórias são evocadas pela sonoridade, sabores e movimentações dos corpos, sociabilidades e distintos modos de sobrevivências no bairro.

Os imigrantes construíram diferentes modalidades de casas surgindo em algumas o aluguel de quartos, de porões e o compartilhamento de cozinhas, quintais e banheiros, estreitando os laços, a solidariedade e a interpelação cultural entre os diferentes grupos. A partir de moradias plurifamiliares e convívios cotidianos nas ruas, comércios e nos ambientes de trabalho, conexões entre hábitos e costumes construíram identidades múltiplas no bairro, que ainda na contemporaneidade, guardam o “espírito” de ajuda mútua e as resistências/transgressões aos modelos disciplinadores e controladores instituídos pelo Estado brasileiro.

As interpelações marcam as construções de casas, os comércios, o lazer. Nas regiões de maior altitude, os casarões, palacetes, residências suntuosas, de pessoas mais abastadas, que geralmente ficavam na área mais próxima à Avenida Paulista e na parte mais baixa, próxima a grota e ao antigo curso de água com o riacho Saracura,

ribeirão do Itororó e do córrego do Bexiga, as habitações menores e rudimentares, além da encosta do bairro inicialmente ser ocupada por cortiços.

Estes não mantêm homogeneidade em suas características, podendo se apresentar em forma de “casas”, “quintal” e “verticalizados” e permeiam todo o bairro. Os de “casas” foram criados originalmente como fonte de renda pelos proprietários dos terrenos ou casarões, especialmente pelos imigrantes italianos, que residiam em parte uma do imóvel e alugavam outra para inquilinos. A utilização de áreas em comum era característica desses imóveis.

Representavam um negócio lucrativo para os proprietários desses locais ou especuladores que os alugavam aos populares, em virtude do aproveitamento dos espaços dos terrenos, da baixa qualidade dos materiais utilizados na subdivisão do imóvel e ausência de gastos de manutenção⁷.

A sublocação dos casarões propiciava a convivência de famílias italianas, cada uma em um quarto. Na área privativa cozinham e dormiam e, nas áreas comuns, lavavam as roupas, estendiam e utilizavam sanitários.

Os cortiços de quintal eram terrenos com frente estreita e compridos, onde era possível a construção de vários cômodos voltados para dentro de um espaço como um quintal e lavanderia de uso comum.

⁷ SCHWARTZ, Rosana. *Mulheres em Movimento, Movimento de Mulheres: a participação feminina na luta por moradia na cidade de São Paulo*. Tese Doutorado em História Social, São Paulo, PUC/SO, 2016. P. 14.

Até o final da Primeira República, eram essas as moradias possíveis aos setores populares locais, ou aos sujeitos imigrantes ou migrantes que se deslocavam (sem posses) para a cidade.

Governo, empresários e especuladores imobiliários, concebem, então as moradias de aluguel em vilas operárias para os empregados das fábricas e empresas. As vilas operárias eram mais bem vistas pelos segmentos médios e elites de São Paulo, pois representavam uma possibilidade de se eliminar a crescente constituição dos cortiços de “casa” e de “quintal” nos bairros e centro da cidade. Eles eram considerados “fonte de promiscuidades e doenças”.⁸

A solução ideal preconizada pela higiene pública para a questão da habitação popular desde o final do século XIX, no Brasil, é a construção de vilas operárias pelos poderes estatais ou por capitalistas particulares, nos bairros da cidade⁹.

As vilas construídas com características diversas, podiam ser edificadas pelos empresários de indústrias têxteis e de múltiplos setores, em territórios privados para abrigar seus funcionários. Era permitido aos investidores privados, destinar esses espaços ao mercado de locação.¹⁰ Esse tipo de moradia foi almejada e incentivada pelos higienistas, que salientavam, em seus discursos médicos, as características disciplinadoras do espaço/vila.

Quem mora na vila deve ter um comportamento “em casa” e “na rua” tão disciplinado e organizado quanto o

⁸ KOWARICK, Lúcio. *A espoliação Urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p.47-48.

⁹ SCHWARTZ, Rosana. *Mulheres em Movimento, Movimento de Mulheres: a participação feminina na luta por moradia na cidade de São Paulo*. Tese Doutorado em História Social), São Paulo, PUC/SO, 2016. P. 16

¹⁰ BONDUKI, Nabil. *Op. cit.*, 1994. p.47.

comportamento na fábrica. Isso era garantido por uma série de controles: obrigatoriedade de frequentar a igreja, toque de recolher à noite, os festejos ou bailes eram vigiados.¹¹

Os cortiços de “casas”, “quintal” e as vilas operárias, constituíam as micropolíticas do cotidiano. Os primeiros eram as alternativas às moradias irregulares, marcadas pelo imaginário social de contaminação de mentes e corpos, e as vilas, espaços civilizados, organizados e ordeiros, marcados pelas ideias de progresso e de ordem.

A ocupação do solo do Bexiga, se manteve no cerne do processo de urbanização de São Paulo, onde se criava e recriava formas de estar no espaço urbano pontuadas por notável cosmopolitismo étnico e condições de desigualdades. A topografia acidentada do Bexiga é em boa parte representativa dessa desigualdade, em seu caso específico faz parte de uma das encostas mais íngremes da região central, o espigão da avenida Paulista, sendo este, um dos pontos mais altos da cidade, além da encosta, em sua parte mais baixa, onde apresenta-se uma grotta, um dos lugares mais antigos da ocupação desse território, o fundo do vale.

O “esquecimento” ou “apagamento” desta parte da cidade decorreu de múltiplos aspectos como sua topografia acidentada, os traçados das ruas e vielas que acompanham a grande inclinação da encosta, a presença de riachos e córregos que transbordavam causando enchentes, a insalubridade e o estigma com a origem de parte de seus habitantes, moradores de cortiços vinculados à pobreza.

¹¹ ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei*. 3ªed. vol.1. São Paulo: Studio Nobel/ FAPESP, 2003. p.101.

Os relatos de antigos moradores revelam que a maioria, ao conquistar uma situação financeira mais favorável se mudava, ainda que mantendo seus negócios no bairro, estes estão presentes nas memórias de um ex haitante, Haim Grüspun, em seu livro *Anatomia de um Bairro O Bexiga*, onde conta que: “Mudar de bairro representava ascensão – italiano ou português para a Bela Vista, Barra Funda, Brás (...).”¹²

O território criava conjuntos de condições que impulsionavam o processo de deslocamentos e segregação social e espacial, e ao mesmo tempo, formas para que se estruturassem mecanismos de organizações de grupos de pessoas em situações semelhantes de vida. Os movimentos de grupos de imigrantes e migrantes apontaram para o fenômeno da constituição de organizações de moradores, para as primeiras associações de ajuda mútua do Bexiga, associações de mães e movimentos sociais de luta por melhores condições de vida, trabalho e moradia. O que vinculou o Bexiga à imagem de lugar de transgressão e de convivência, em especial em seus diferentes cortiços.

Grande parte da população que habitou e habita o bairro é descendente de imigrante ou migrante, prestadores de serviços e artesãos com suas oficinas. Usavam as habilidades desenvolvidas desde a infância, como aprendizes, em transformação para ofícios. Crianças do Bexiga tinham que participar de atividades da família, e na maioria dos casos, seguiam por algum tempo os ofícios dos pais.

¹² GRÜSPUN, Haim, *Anatomia de um Bairro, O Bexiga*, São Paulo, Ed. Livraria Cultura, 1983, p. 68.

No bairro identificam-se várias faces de seus habitantes e diferentes espaços de moradia e de trabalho.

O processo de reespecialização urbana da cidade, entre o final do século XIX e início do século XX, acentuado pelas características específicas do Bexiga, (com cachoeiras e fontes d'água), repletas de abrigos para as carroças e cavalos de transportes), gerou e facilitou fluxos de alimentos entre bairros, principalmente para as regiões onde habitavam as camadas abastadas e médias da população – o Morro dos Ingleses, a Liberdade, o Paraíso, a Avenida Paulista e, a partir de 1920, Vila América. Sua localização destinou a sua “vocação” para o estabelecimento de casas de comércio de alimentos, de serviços e diversas ocupa oes informais – serviços domésticos e públicos, floristas e trabalhadores da construçao civil. Gr nspun, (1983), relata em suas memórias de menino no bairro as atividades dos moradores: as mulheres trabalhando na lavagem das roupas, fazendo doces para vender, costurando; já os homens, vivendo de pequenos serviços, como tarefeiros de expediente, pela cidade. Quando alguém precisava de ajuda nas obras públicas, abrindo buracos, chamavam o pessoal do Bexiga, eram ajudantes por dia.

Por l , também era possível encontrar material importado clandestinamente pois, na década de 1940, tudo era importado, as agulhas de costura por exemplo, eram alemãs, disponíveis em lojas finas como *Mappin* e *Casa Sloper* a um preço exorbitante mas, no Bexiga, havia uma maneira de se comprar produtos importados a um

preço mais acessível, através de contrabandistas que vendiam alguns produtos de necessidade.

Os artesãos, suas oficinas e pequenas fabriquetas, lojas e ateliês estão por todo o bairro, segundo levantamento realizado pela pesquisa “Bixiga em Artes e Ofícios” realizado pelo Centro de Preservação Cultural, (CPC-USP). Uma constatação do estudo sobre o bairro através de leituras cartográficas do território, oficinas de fotografia e vídeo, foi a manutenção ao longo do tempo dessa natureza do bairro, de uma aura que perdura, se propaga e se mantêm ao mesmo tempo que se reconfigura com as mutações que naturalmente absorve de distintas épocas.

O Bixiga com “i” foi um registro feito por Armado Puglise (1931-1994), agitador cultural do bairro que especialmente a partir da criação do Museu Memória do Bixiga (1982), passa a valorizar e salvaguardar a cultura imigrante do bairro. Armadinho do Bixiga como era conhecido, começa a utilizar o nome do bairro aproximando da maneira de falar do imigrante italiano (italianismo) que diz Bixiga destacando o som de i.

Anteriormente, Juó Bananére, pseudônimo de Alexandre Marcondes Machado (1892-1933), que utilizava a sátira e a irreverência ao fazer parodias de poemas clássicos, imitando na forma de escrever a fala dos italianos, que ao tentar falar o português tinham uma pronúncia característica.

Fragmento do poema *Os meus otto anno*;

O Chi sodades che io tegno
D'aquillo gustoso tempigno,

C'o stava o tempo intirigno
Brincando c'oas molecada.
Che brutta insgugliambaço,
Che troça, che brinfgadêra,
Imbaxo das bananêra,
Na sombra dus bambuzá.

Che pandiga che arrelia,
A genti sempre afazia
No largo d'Abaixo o Piques
Passava os dia i as notte
Brincando di scondi-scondi,
Bulino c'os conduttore.¹³

A população de imigrantes do Bexiga foi se transformando e recebendo novos habitantes, de escravizados fugidos, escravizados forros, portugueses, italianos entre outros europeus, o espaço foi ganhando outros que buscavam refúgio no bairro, chegaram os nordestinos que vieram durante décadas para tentar a vida em São Paulo, e na contemporaneidade, imigrantes da América Latina, África, Ásia. Essas diversidades somam com contribuições à gama cultural do bairro.

Os relatórios salvaguardados no acervo do Arquivo do Estado de São Paulo, revelam que a orientação da Política Imigrantista, do final do século XIX, de substituição dos braços dos escravizados nas lavouras de café, pela mão-de-obra branca europeia, pressupunha a preocupação em fixar os imigrantes no campo, entretanto, os

¹³ BANANÉRI, Júo, La Divina Incrensa. Os meus otto anno disponível em <http://bananere.art.br/p19>, Acesso em 23 de maio de 2019.

deslocamentos em diferentes fluxos para os centros urbanos foi inevitável. Recebidos por empreendedores das cidades, alguns foram encaminhados diretamente para pensões, cortiços e trabalhos no bairro do Bexiga.

A presença massiva de imigrantes italianos tornou, em certa medida, o bairro identificado com a tradição de cantinas que priorizam a culinária italiana. Entre os anos 1870 e 1907, entraram 1.208.042 italianos pelo Porto de Santos –, a cidade de São Paulo, com a fundação de centenas de postos de trabalhos, fábricas e variados segmentos. Em cinquenta anos (de 1870 a 1920) a cidade se configurou pelo hibridismo étnico/cultural. Em pesquisa nas fontes registros/documentos do arquivo do DEOPS paulista, transferidos em 1983, para o Arquivo do Estado de São Paulo, composto por prontuários, dossiês e vasta iconografia, percepções sobre as ações desses imigrantes italianos no bairro possibilitou o encontro de informações sobre a dinâmica e integração desses sujeitos, suas parcerias e interferências sócio, culturais e políticas no território.

Outras fontes como as dos movimentos de Luta de Cortiços e do Movimento dos Sem-Teto do Centro- MSTC, no que se refere aos deslocamentos humanos no Bexiga indicam, após análise das tipologias dos documentos (2.789 fichas de filiação, compostas por descrições: nome, idade, sexo, nacionalidade, profissão, estado civil) e trinta e nove boletins, informações parciais que permitem traçar perfis sobre os integrantes dos movimentos no bairro. A tabulação evidenciou a

predominância de migrantes do norte e do nordeste do Brasil (85%), imigrantes angolanos (2%), bolivianos (8%), refugiados sírios (5%).

Diferentemente das fontes de listagens/registros do Arquivo do Estado de São Paulo sobre os imigrantes, os documentos dos movimentos sociais de moradia desafiam os pesquisadores do tema, por sua estrutura substancialmente voltada para a luta da moradia popular e digna.

Os adensamentos dos deslocamentos de migrantes nordestinos para o território, datam desde 1960. Muitos deles, logo de suas chegadas, viveram na condição de sem-teto ou como moradores de cortiços, e foram contratados como prestadores de serviços, pedreiros, e cozinheiros por cantinas e restaurantes locais. Ao percorrer os registros/documentos do Museu do Bexiga, verificou-se o exercício dessas profissões e, com o passar do tempo, a aquisição desses restaurantes por parte de alguns desses sujeitos, não obstante, outros se mantiveram em situação de vida precária, mantendo as fileiras dos habitantes dos cortiços e sem-teto.

Com a verticalização dos bairros da cidade, edifícios foram construídos e os moradores dos cortiços tornaram-se ainda mais indesejáveis, aos olhos dos grupos médios que procuram fixar-se ou deslocar-se para o Bexiga. A região conhecida pelo comércio, setores de serviços, restaurantes, despontava, por meio da imprensa e ações dos especuladores, como local cultural central com potencialidade de valorização territorial. Debates, disponíveis nos documentos da câmara municipal de São Paulo, entre diversas instâncias da sociedade civil e o

poder público, expuseram as condições concretas da infraestrutura do bairro e impuseram a avaliação da situação das estruturas: ruas, moradias, escolas, postos de saúde. O mapeamento, pelo governo, dos inúmeros e diferentes tipos de cortiços ensejou implementação de medidas urgentes. O Estado, desejoso em disciplinar os negócios dos e-imigrantes e seus corpos, derrubou cortiços, promovendo outros deslocamentos humanos entre centro-periferia, sublinhando o surgimento de novas periferias, moradores em situação de rua e sem-teto.

O “Fazer América” do final do século XIX e início do XX, foi responsável, em parte, pelo processo de urbanização de camponeses italianos e brasileiros que preferiram atuar no comércio. Em depoimentos obtidos pelo método da História Oral, com descendentes de italianos, percebeu-se que o Brasil era idealizado como terra de oportunidades, assim como São Paulo para os nordestinos.

Nos anos de 1970, inúmeras denúncias na grande imprensa sobre essas condições, colocaram em pauta as reivindicações dos “sem” e evidenciaram as estratégias de deslocamentos impostas pelos especuladores. Foram oferecidos planos de compra de moradias pelo Banco Nacional de Habitação – BNH, por meio, do uso do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço - FGTS, aos que possuíam carteira de trabalho assinada e emprego fixo nos espaços centrais e da periferia de São Paulo. Em resistência, grupos compostos por indivíduos deslocados nacionalmente e internacionalmente e sem condições de

comprovação de renda, se viam impedidos de participarem dos projetos e suscitaram as denominadas ocupações.

Ocupação designa, ação coletiva dos sujeitos migrantes e imigrantes nos bairros da cidade, em espaços abandonados passíveis de servir para moradia.

Os movimentos sociais de luta por moradia surgem como consequência da especulação imobiliária e projetos de moradia que só atendiam aos setores médios. Conceberam, a partir dos anos de 1978, ocupações como ações/mecanismos de luta para evitar deslocamentos dos sujeitos sociais do centro para a periferia. Entenderam o termo como conceito/ferramenta de promoção de visibilidade e de diálogos entre os múltiplos grupos de sem-teto com os órgãos governamentais. As ocupações condicionam as negociações do território para reforma ou construção de moradias populares, desde as suas primeiras intervenções nos espaços urbanos, até a contemporaneidade.¹⁴ Segundo os registros/documentos dos movimentos de moradia da região do Bexiga: “Quando não há diálogo, ocorrem despejos e reintegrações de posse”.

O território do Bexiga, possui dez ocupações realizadas pelos dos sem-teto e inúmeros cortiços de “casa”, de “quintal” e verticalizados. Desde os anos de 1980 essa população sofre com despejos e reintegrações de posses, deslocando os moradores para as ruas e novamente para outras ocupações. Apresenta em suas ruas e cortiços,

¹⁴ KRISCHKE, Paulo; GODOY, Eliane. “Igreja, motivação e organização dos moradores em loteamentos clandestinos.” In: KRISCHKE, Paulo (Org.). *Terra de Habitação x Terra espoliação*. São Paulo: Cortez, 1984. p.207.

grupos organizados em associações e movimentos que dialogam com integrantes dos setores da sociedade: universidades, organizações sindicais, partidos políticos, associações de bairro, igrejas e escola de samba.

Os sem-teto da região, mantém essas associações com a finalidade de executar ações coletivas, estratégias de luta, de união e variadas formas de solidariedade na prática cotidiana.¹⁵

Exercitam assim, uma outra lógica - a da solidariedade e buscam um consenso normativo em relação a questões básicas [...] possibilitando-se o surgimento de novos tipos de participação, mais ampla, inclusive de conteúdo mais contestador, formando uma nova cultura política em que se valorizam a ação coletiva, a construção de identidades, a criação e efetivação de direitos, o enfrentamento dos problemas cotidianos.¹⁶

A prática cotidiana promove a integração do grupo e a sensibilização. Mas, também pode afastar as famílias das associações, em derivação das tensões presentes nos processos de ocupações, confrontos com a polícia e desgaste provocado pela permanência em um local incerto por meses ou mesmo anos. Para o grupo que ocupa e permanece nos locais, segundo, registros/documentos dos participantes dos movimentos de moradia da cidade de São Paulo - MSTC, a percepção de si enquanto

¹⁵ MELO, Denise. *A construção da subjetividade de mulheres assentadas pelo MST*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Campinas, UNICAMP, 2001.

¹⁶ SCHWARTZ, Rosana. *Mulheres em Movimento, Movimento de Mulheres: a participação feminina na luta por moradia na cidade de São Paulo*. Tese Doutorado em História Social, São Paulo, PUC/SO, 2016. P. 23.

sujeito histórico se reelabora, tornando-o participativo e, paulatinamente, crítico dos problemas do bairro, da sua condição, das suas necessidades imediatas individuais e coletivas. Essa experiência cotidiana foi facilitadora para a constituição de lideranças e de novos movimentos sociais no bairro.

O cotidiano é categoria de análise da história, trata das experiências de sujeitos históricos, da história de “gente sem história”, ou seja, das vozes apagadas dentro do discurso histórico tradicional. Procura questionar a concepção de história como linear e progressista e acabar com a segmentação entre passado e presente. Amplia o conceito de temporalidade, ritmos desconexos, tempos fragmentados, descontinuidades focalizando o relativo e a multiplicidade de durações na trama da história. A história do cotidiano, desvela a existência de processos históricos diferentes e simultâneos. Revela o universo de tensões e movimento com potencialidade de confrontos. Privilegia o espaço de resistência ao processo de dominação, as tramas da vida encobertas. Questiona: resistência/luta, integração/diferenciação, permanências/transformação, descontinuidades e fragmentação, o público/ privado, sujeito/objeto e espaço/tempo. Os estudos do cotidiano trazem à luz, diversidades de documentações, como os registros das associações do movimento de moradia, diários de famílias, fotografias e arquitetura do Bairro Bexiga. A hermenêutica dos estudos do cotidiano se propõe enquanto método e não como teoria para o conhecimento histórico, na medida em que aceita a instabilidade das categorias analíticas, constantemente reconstruídas, e a historicidade inerente ao

processo de conhecimento. Apresenta as relações sociais, as condições de vida, de organizações desses sujeitos históricos, as ações de resistências, as tensões e os deslocamentos na cidade.

As ações coletivas no Bexiga se organizavam e se articulavam a partir da vida cotidiana. Viabilizavam, nesse sentido, a abertura de caminhos para a percepção, compreensão e expressão de sentimentos sobre as suas condições.¹⁷ A experiência/participação adquiria nas expressões culturais, nas artes, nas práticas comerciais e nas múltiplas formas de moradias, gestaram efeitos educativos e emancipatórios.¹⁸

As estratégias de deslocamentos e ocupações dos espaços do bairro do Bexiga, desde o início dos anos de 1980, estavam vinculadas à organização dos movimentos dos sem-teto do centro da cidade - MSTC e eram planejadas de modo espaçado ou sequencial, conectadas com as ações de outros locais, regionais ou nacionais.¹⁹

O território físico, uma vez ocupado, era transformado, efetivamente, em local de moradia, dependendo da proposta denominada “*jornada de luta*”²⁰, encaminhada pelos coordenadores e dirigentes das associações ou das negociações com os secretários municipais ou estaduais de habitação - Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano - CDHU e COHABs.²¹

¹⁷ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.9-14.

¹⁸ GOFFMAN, Erving. *A representação do Eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975. p.57.

¹⁹ MENEZES, N. *Subordinação versus Autonomia: duras faces do movimento de moradia*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 1994. p.102.

²⁰ Ver: *Boletins Luta por Moradia*, do MSTC. A expressão “jornada de luta” é utilizada por todos os integrantes dos movimentos de moradia na cidade de São Paulo que foram estudados.

²¹ Cf. SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Habitação de São Paulo. *Programa de Financiamento Individual à Moradia - Carta de Crédito*. São Paulo, 2003. p.2.

Nas ocupações, as ações participantes eram irregulares, seguindo a proporção do local de ocupação. Por se caracterizarem em ações coletivas que envolviam deslocamentos de famílias e representantes de variadas associações de sem-teto, eram necessariamente organizadas e planejadas de antemão. Os registros/documentos do movimento de moradia – MSTC, apontam que durante as décadas de 1980 e 1990, as associações criaram métodos compostos por debates, rodas de conversas, contações de histórias, durante as reuniões semanais dos Grupos de Base do movimento, com o objetivo de preparar o coletivo para o dia da ocupação.²² Antes e depois das ocupações os principais motivos e exigências que justificavam a ação eram expostos sistematicamente pelos coordenadores e lideranças aos membros do Grupo de Base e representantes governamentais:²³ Portanto, a ocupação foi considerada à época, pelos integrantes das associações de luta por moradia, não só um meio de adquirir um teto, mas uma “marca” ou um símbolo de luta do movimento. Essa consideração dá sentido emblemático à ocupação e foi compartilhada pelos sem-teto e pelos sem-terra.²⁴

Os alvos preferidos dos diversos grupos para empreender as ocupações no Bexiga, eram os prédios e terrenos públicos ou particulares abandonados ou com altas dívidas de impostos no Bexiga.²⁵

²² JACOBI, Pedro. “Exclusão Urbana e lutas pelo direito à moradia” *Espaço & Debate, Revista de Estudos Regionais e Urbanos*. São Paulo: Cortez, 1982. p.10.

²³ ANTERO, Luis Carlos. *Ideologia, divisão do trabalho e habitação popular: a intervenção do estado e o processo de luta pela superação da dominação*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 1984. p.47.

²⁴ RUSCHEINSKY, Aloísio. *O movimento de moradia e o partido dos trabalhadores*. Tese (Doutorado em Sociologia), São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP-SP, 1996. p.149.

²⁵ FÓRUM CENTRO VIVO (FCV). *Dossiê de Denúncia: Violações dos Direitos Humanos no Centro de São Paulo*. São Paulo, 2006(a). p.79.

Por meio da experiência/prática das décadas passadas, na contemporaneidade o processo de ocupação se iniciava com a entrada, sem aviso nem permissão prévia, de um grande número de pessoas num determinado local. Os integrantes da ação, em sua maioria, mulheres e crianças, formam a “linha de frete”; na retaguarda, seguem os homens, incumbidos de proteger e isolar o local ocupado. Os ocupantes, compostos por indivíduos locais, migrantes e imigrantes trazem consigo, alimentos, roupas, lençóis, cobertores, colchões e alguma mobília, assim como bandeiras, manifestos e instrumentos de trabalho, demonstrando, assim, a intenção resoluta de deslocamento permanente no território.²⁶

Após a ocupação, os participantes elegem uma Comissão Interna de Moradores e estrangeiros podem votar e participar da comissão em igualdade de direitos com os demais. O objetivo dessa comissão é encaminhar propostas para viabilizar as condições de vida no novo espaço de moradia.

Edifícios e casarões se transformam em símbolos de integração, onde nacionais e estrangeiros de unem e trocam vivências e experiências no cotidiano das ocupações. O sujeito na cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo por assimilação. A assimilação das coisas é sinônimo das relações sociais, o sujeito aprende no grupo os elementos da cotidianidade, mediação entre os vários indivíduos e os costumes.

As necessidades dos moradores das ocupações tornam-se conscientes sob as formas e satisfações singulares e plurais ao mesmo

²⁶ MACHADO DA SILVA, Luis; ZICCARDI, Alicia. *Notas para uma discussão sobre movimentos sociais urbanos*. Ciências Sociais Hoje n.º.20. São Paulo: ANPOCS, 2000. p.37.

tempo. Pelas individualidades e particularidades aparecem as carências, os desejos, as relações. O sujeito é particular e genérico já que é produto de suas relações sociais. Na vida cotidiana ele se fragmenta em suas funções, em particularidades e genericidades. A categoria da ação e do pensamento manifesta-se e funciona para a continuação da cotidianidade. As formas de pensamento e de comportamentos cotidianos se modificam na atividade constante nas ocupações.

Dessa maneira a construção de uma aura de permeabilidade no bairro do Bexiga, especialmente na convivência entre diferentes grupos de um lado promove a absorção dos costumes e de outro a manutenção de tradições. Mostra a possibilidade de agregar pessoas sem medo da perda das suas identidades. O conagraçamento pode ser observado nas ocupações e em festas como a de Nossa Senhora da Achiropita, padroeira do bairro, ligada a colônia italiana, que amplia em suas festividades a participação de toda a comunidade.

Da mesma maneira a Escola de samba Vai-Vai, reduto do samba paulista, tem a participação dos moradores locais, migrantes e imigrantes, sem distinção, os ensaios são abertos na rua e todos se reúnem para ensaiar ou assistir.

Na contemporaneidade vive-se uma horda de líderes extremistas, há a busca pela retomada de posturas ditatoriais, tradicionais e obsoletas. Em decorrência disso, alguns países têm sofrido conflitos internos severos e seus habitantes buscam refúgio em outros países do mundo. Têm-se como resultado observado, em especial na cidade de São Paulo, por ser uma grande metrópole, as chegadas de sucessivos novos fluxos

de imigrantes sírios, malawis, venezuelanos, iranianos entre outros, que buscam a possibilidade de recomeçar e reorganizar suas vidas. Esses deslocamentos em busca de oportunidades, sobrevivência e direitos, compreendidos pela perspectiva microscópica, sem perder as relações macroscópicas, no bairro do Bexiga, cidade de São Paulo, transformaram territorialidades físicas, sociais e políticas da cidade.

Bibliografia:

ANTERO, Luis Carlos. *Ideologia, divisão do trabalho e habitação popular: a intervenção do estado e o processo de luta pela superação da dominação*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 1984.

BANANÉRI, Júo, *La Divina Increnca*.

disponível em <http://bananere.art.br/p19>, Acesso em 23 de maio de 2019.

BONDUKI, Nabil. *As origens da habitação social no Brasil (1930-1954): o caso de São Paulo*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), São Paulo, FAU/USP, 1994.

Boletins Luta por Moradia, do MSTC. A expressão “jornada de luta” é utilizada por todos os integrantes dos movimentos de moradia na cidade de São Paulo que foram estudados.

BRUNO, Ernani S. *História e Tradições da Cidade de São Paulo, Vol II Burgo dos Estudantes (1828-1872)*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1953.

FÓRUM CENTRO VIVO (FCV). *Dossiê de Denúncia: Violações dos Direitos Humanos no Centro de São Paulo*. São Paulo, 2006(a).

GOFFMAN, Erving. *A representação do Eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.

GRÜSPUN, Haim, *Anatomia de um Bairro, O Bexiga*, São Paulo, Ed. Livraria Cultura, 1983.

JACOBI, Pedro. “Exclusão Urbana e lutas pelo direito à moradia.” *Espaço & Debate, Revista de Estudos Regionais e Urbanos*. São Paulo: Cortez, 1982. p.10.

KOWARICK, Lúcio. *A espoliação Urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

KRISCHKE, Paulo; GODOY, Eliane. “Igreja, motivação e organização dos moradores em loteamentos clandestinos.” In: KRISCHKE, Paulo (Org.). *Terra de Habitação x Terra espoliação*. São Paulo: Cortez, 1984.

HELLER, Agnes – *O Cotidiano e a História*, São Paulo, Paz e Terra, 2004.

HIKIJ, Rose S. G. SILVA, Adriana O. (orgs), *Estudos CPC 4, Bixiga em Artes e Ofícios*, São Paulo, Edusp, 2014.

- MOURA Carlos E. M. (org.) *Vida Cotidiana em São Paulo no Século XIX*, São Paulo, Editora Unesp, 1999.
- MATOS, Maria Izilda. *Cotidiano e Cultura: História, cidade e trabalho*. São Paulo, EDUSC, 2003.
- MACHADO DA SILVA, Luis; ZICCARDI, Alicia. *Notas para uma discussão sobre movimentos sociais urbanos*. Ciências Sociais Hoje n°.20. São Paulo: ANPOCS, 2000.
- MARZOLA, Nádia. *Bela Vista*, IN: **História dos Bairros de São Paulo**, V. 15, SMC/DPH, 1979
- MELO, Denise. *A construção da subjetividade de mulheres assentadas pelo MST*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Campinas, UNICAMP, 2001.
- MENEZES, N. *Subordinação versus Autonomia: duras faces do movimento de moradia*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 1994.
- PESAVENTO, Sandra, J. *História & História Cultural*, Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2008.
- Imagens da Internet:
- Fig.1-<https://saopaulosao.com.br/conteudos/outros/3360-o-bexiga-e-sua-origem-multicultural.html> acesso 22/05/2019
- Fig 2: <http://www.portaldobixiga.com.br/historia/> acesso 22/05/2019
- ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei*. 3ªed. vol.1. São Paulo: Studio Nobel/ FAPESP, 2003.
- RUSCHEINSKY, Aloísio. *O movimento de moradia e o partido dos trabalhadores*. Tese (Doutorado em Sociologia), São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP-SP, 1996. p.149.
- SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Habitação de São Paulo. *Programa de Financiamento Individual à Moradia - Carta de Crédito*. São Paulo, 2003.
- SCHWARTZ, Rosana. *Mulheres em Movimento, Movimento de Mulheres: a participação feminina na luta por moradia na cidade de São Paulo*. Tese Doutorado em História Social), São Paulo, PUC/SO, 2016.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.